

Projeto de Pós-doutorado
Programa de Pós-Graduação do Departamento de Filosofia da
Universidade de São Paulo

**Tédio enquanto tonalidade afetiva fundamental e seu papel paradigmático
na fenomenologia de Martin Heidegger**

Roberto Saraiva Kahlmeyer Mertens

São Paulo
2025

SUMÁRIO

1. RESUMO.....	3
2. APRESENTAÇÃO DAS QUESTÕES A SEREM ABORDADAS	
2.1 INTRODUÇÃO.....	4
2.2 OBJETIVOS.....	6
2.3 CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA.....	6
3. CRONOGRAMA DE ATIVIDADES.....	16
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	17

1. RESUMO

A pesquisa tem por tema o fenômeno do tédio segundo Heidegger. Objetiva caracterizar o tédio como um fenômeno existencial em sua essência. A ideia é compreender o que significa a indicação de que o tédio é uma tonalidade afetiva de nosso ser-aí atual. Para tanto, investigará tal fenômeno como uma tonalidade afetiva fundamental *fática*. O ensejo para isso está na preleção *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude e solidão*, de 1929/30, obra de transição na qual Heidegger procura um lastro epocal para o projeto de sua ontologia fundamental, em face da evidência de que a temporalidade *ek-stática* do ser-aí seria incompatível com a temporalidade própria ao acontecimento de ontologias históricas. Face a esses contextos, cabe indagar: *Como o tédio, pensado como uma tonalidade afetiva fundamental de nosso ser-aí atual, poderia responder uma tal questão?* A resposta a esta contará com uma abordagem interpretativa daquela obra de Heidegger, pesquisa de metodologia teórico-exploratória apoiada também na literatura de comentário autorizada. Espera-se desse esforço de pesquisa uma compreensão aprofundada e cuidadosa da visada do fenômeno do tédio além de consolidar um campo de pesquisa para desdobramentos futuros da investigação no âmbito do mesmo tema e pensamento.

Palavras-chave: Tonalidades afetivas fundamentais; Tédio; *Os conceitos fundamentais da metafísica*; Heidegger

2. APRESENTAÇÃO DAS QUESTÕES A SEREM ABORDADAS

2.1. INTRODUÇÃO

O presente projeto de pesquisa consiste na tentativa de determinar como o tédio, compreendido como uma tonalidade afetiva fundamental fática, serviria ao propósito de salvaguardar o projeto da ontologia fundamental do filósofo Martin Heidegger, perpassando algumas das ideias presentes em sua preleção do semestre de inverno de 1929/30, denominada: *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude e solidão*. Tomando o tédio como tema principal de interesse e embasado numa fenomenologia heideggeriana, o projeto apresenta-se como investigação da concepção de Heidegger acerca do tédio como *tonalidade afetiva fundamental de nosso filosofar atual*.

A investigação tem por objetivo secundário determinar o fenômeno do tédio desde a visada da fenomenologia heideggeriana, enfocando mais propriamente o que o filósofo denomina de “essência” do tédio. Para tanto, opta-se por uma aproximação fenomenológica-hermenêutica: percorrer um caminho de pensamento interpretativo com base naquilo que se apresenta, construindo-se significados a partir daí. Com isso, pretende-se chegar a uma compreensão dos fenômenos de modo a não impor a estes categorias ou interpretações prévias — ao menos nada que se distancie demais da própria ontologia e hermenêutica heideggerianas. Isso não significa desconsiderar as diversas pesquisas e contribuições de outros autores acerca da temática, mas tão somente enfatizar o caráter preponderante da própria experiência de contato com o pensamento de Martin Heidegger. Em vista disso, a investigação tem em foco a compreensão de Heidegger sobre o fenômeno do tédio, tal como expressa no referido texto didático. Ali, Heidegger enfatiza a tarefa de “[...] despertar uma tonalidade afetiva fundamental de nosso filosofar [atual]” (HEIDEGGER, 2015a, p. 77), identificando no tédio [profundo] tal tonalidade. Mas o que isso significa? E o que, em primeiro lugar, constitui uma tonalidade afetiva no seio da ontologia heideggeriana? Tais questões também serão exploradas nesta pesquisa.

E o tédio? Que fenômeno seria este, afinal? Certamente, em nossa vida cotidiana, já possuímos tanto a experiência quanto a compreensão de tal fenômeno. Um primeiro vislumbre disso nos dá Casanova (2021):

Nossas compreensões medianas do tédio tendem normalmente a tomá-lo como um sentimento que produz o despontar imediato de uma certa experiência de letargia, uma sensação muitas vezes paralisante de enfado e modorra. [...] o tédio parece estar ligado a uma quebra de um determinado

ritmo existencial. (p. 5)

Em contraponto, certa vertente de pensamento — que chamaremos aqui de “empírico-científica” —, por outro lado, o define do seguinte modo:

[...] *a sensação desconfortável de querer, mas ser incapaz de, engajar-se em uma atividade satisfatória.* [...] é a sensação que temos quando queremos envolver nossa capacidade mental, mas não conseguimos fazê-lo, deixando nossa mente desocupada. (DANCKERT; EASTWOOD, 2020, p. 19, grifo dos autores).

Observe-se aqui menções às palavras “sensação” — remetendo àquilo que se sente e, portanto, a um sujeito senciente —, “sentimento” e “experiência”. Note-se também o uso da expressão “nossa capacidade mental”, no caso da última citação. Há ainda a compreensão do tédio como uma espécie de “sensação do pensamento” (DANCKERT; EASTWOOD, 2020, p. 19) e que, em vista disso, constitui-se na “experiência sentida de um processo cognitivo em curso” (DANCKERT; EASTWOOD, 2020, p. 20). Com base nessas observações, é possível identificar a sugestão, tanto por parte da concepção do senso comum quanto da científica, de que o tédio é experiência própria a um sujeito (este pensado como mente) — e, assim, uma experiência subjetiva. Tal modo de visar faz sentido numa ontologia fundamentada na separação sujeito/objeto ou sujeito/mundo.

A ontologia heideggeriana, centrada na investigação do sentido de ser, tem como passo intermediário a *análise fundamental do ser-aí* — ente que possui o privilégio da compreensão de seu próprio ser. É justamente a análise fenomenológica das estruturas fundamentais do ser-aí e de seus existenciais fundamentais constituintes que possibilitam explorar o fenômeno do tédio seguindo outro caminho: compreendendo este (o tédio) como uma tonalidade afetiva de nosso ser-aí fático. Desde a visada de Heidegger, o tédio — e, de um modo mais geral, as tonalidades afetivas — não precisa ser reduzido a uma experiência nem puramente subjetiva nem puramente objetiva (no sentido de estar “no sujeito” ou “estar nas coisas elas mesmas”, respectivamente). Na verdade, para Heidegger, é justamente por se tratar de uma tonalidade afetiva que o tédio não pode ser tomado nem como um ente, nem como um objeto qualquer de nossa observação; portanto, sequer como mera experiência.

Que caráter teria, então, o tédio no contexto da preleção de 1929/1930? A presente pesquisa constitui tentativa de responder a essa questão.

2.2. OBJETIVOS

- Objetivo Geral

Determinar como o tédio, compreendido como uma tonalidade afetiva fundamental fática, serviria ao propósito de salvaguardar o projeto da ontologia fundamental de Heidegger.

- Objetivos específicos

- a) Indicar a compreensão de Heidegger acerca das tonalidades afetivas fundamentais no contexto da analítica do ser-aí, tal qual apresentada em *Ser e tempo*;
- b) Caracterizar o fenômeno do tédio a partir da preleção de inverno de 1929/30, *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude e solidão*;
- c) Discriminar a “essência” do fenômeno existencial do tédio para Heidegger;
- d) Elucidar o papel paradigmático atribuído por Heidegger à expressão “tonalidade afetiva do nosso filosofar atual [ou fática]”, no contexto de *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude e solidão*.

2.3. CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA

Considerando o contexto da preleção de 1929/30, *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude e solidão*, o que significa, para Heidegger, tomar o tédio como uma tonalidade afetiva fundamental de nosso ser-aí atual?

A tarefa de delimitação da essência do tédio, para Heidegger, está vinculada a um projeto mais amplo, a saber, o da delimitação da essência da própria metafísica, ou seja, constitui-se de uma tarefa intermediária. Em sua preleção de 1929/30¹, o filósofo inicia dissertando sobre os desvios que marcam “[...] o caminho de determinação da essência da filosofia (metafísica)” (HEIDEGGER, 2015a, p. 1). Mais tarde, já ao fim das considerações prévias, ele nos chama a atenção para a necessidade de ela, a metafísica, atuar a partir de si mesma: “[...] o decisivo é que abandonemos esse debate sobre algo e *começemos a atuar na metafísica mesma*” (HEIDEGGER, 2015a, p. 75, grifo do autor). Para o filósofo, isso significa dizer que é preciso “[...] perguntar de modo próprio e efetivo” (HEIDEGGER, 2015a, p. 75), e que as perguntas a serem suscitadas já foram, inclusive, também indicadas em momentos anteriores da preleção: “o que é mundo?”, “o que é finitude?”, “o que é singularização?”. (HEIDEGGER, 2015a, p. 75). Essas ditas perguntas “metafísicas” precisam,

¹ *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude e solidão*.

segundo ele, de uma forma adequada de abordagem. Afinal, se a intenção for acercar-se da essência da filosofia (metafísica), a partir de si mesma, deve-se abandonar o caminho segundo o qual tais questões sejam: 1) desenvolvidas de forma teórica para, em seguida; 2) buscar uma resposta adequada a partir de uma suposta tonalidade afetiva correspondente. Tal caminho levaria justamente ao que se quer abandonar: o falar *sobre* filosofia, em vez de falar *desde* dela. Acerca disso, Heidegger diz:

[...] precisamos deixar essas perguntas surgirem antes de mais nada em sua necessidade e possibilidade *a partir de uma tonalidade afetiva fundamental* e procurar conservá-las em sua autonomia e não ambiguidade. Desta feita, implementaremos efetivamente esta interrogação quando nos pusermos a caminho de despertar uma tonalidade afetiva fundamental de nosso filosofar. Esta é a primeira e própria tarefa fundamental de nossa preleção e do começo de um filosofar efetivo e vital. (HEIDEGGER, 2015a, p. 76, grifo do autor).

E prossegue:

A tarefa fundamental consiste agora no despertar de uma tonalidade afetiva fundamental de nosso filosofar. Digo de nosso filosofar, não de um filosofar qualquer ou mesmo do filosofar em si — um filosofar que jamais existe. Vale despertar *uma* tonalidade afetiva fundamental, [...] não *a* tonalidade afetiva fundamental. [...] não há apenas uma, mas diversas tonalidades afetivas. (HEIDEGGER, 2015a, p. 77, grifos do autor).

Observa-se, deste modo, que o despertar de tal tonalidade afetiva fundamental — isto é, aquela que constitui nosso ser-aí atual — é caminho intermediário a um filosofar efetivo e vital: um filosofar erigido a *partir de...* No caso em questão, a partir de uma tonalidade afetiva própria a um filosofar que se inicia faticamente, a saber, o filosofar de nosso ser-aí atual. Mas, afinal, no que consiste uma *tonalidade afetiva fundamental fática*? Tal questão parece inevitável e, entretanto, dá a indicação de algo ainda mais originário: no que consiste, primeiramente, uma tonalidade afetiva? Segundo Da Costa e De Feijoo (2020, p. 318):

Tonalidade afetiva se refere ao modo mesmo como o ser-aí se encontra “sintonizado” com o mundo que ele mesmo é. Ela corresponde à “afinação” do ser-aí com seu espaço performático, é o modo concreto com que mundo se pronuncia na sua mostração imediata.

Para explorar esse caminho que se abre, convém remeter-se ao § 29 de *Ser e tempo* e sua descrição da estrutura fundamental da “disposição”² (caracterização ontológica), onticamente

²Tradução (não consensual) para o português do termo alemão *Befindlichkeit*. Por motivo de simplificação e no intuito

compreendida como “humor”, “estado-de-ânimo”, ou “tonalidade afetiva”³. É importante ressaltar que, embora possuam diferentes significados — os quais se fundamentam na distinção ontológico/ôntico —, os termos alemães *Befindlichkeit* e *Stimmung* designam o mesmo fenômeno. Sobre isso, Elpidorou e Freeman (2015, p. 663-664) apontam o seguinte:

Como uma estrutura ontológica da existência do ser-aí, *Befindlichkeit* é um modo básico de existência e abertura para o mundo. Como a manifestação ôntica de *Befindlichkeit*, *Stimmungen* são as várias e específicas maneiras pelas quais o ser-aí pode se relacionar e descerrar o mundo, todas as quais ocorrem contra o pano de fundo da estrutura de *Befindlichkeit*. Na medida em que *Befindlichkeit* pertence à estrutura da existência do ser-aí e na medida em que sempre se manifesta através de uma tonalidade afetiva.

Casanova (2017, p. 158), por sua vez, observa que a disposição “[...] sempre assume onticamente o caráter de uma afinação, de uma atmosfera ou de uma tonalidade afetiva específica (*Stimmung*), que caracteriza como nós somos quem somos sendo concomitantemente o aí que é o nosso”. Já Olafson (1987, p. 102), explorando a temática da filosofia da mente em Heidegger, identifica *Befindlichkeit* como “[...] o termo de Heidegger para todo aquele subdomínio da vida do sujeito que é normalmente pensado como “sentimento”. A partir do contato com o § 29 de *Ser e tempo*, é possível perceber que, em Heidegger, a disposição (*Befindlichkeit*) constitui-se num existencial fundamental, o qual possui três determinações essenciais: (1) a abertura do estar lançado, (2) a abertura do ser-no-mundo em sua totalidade e (3) a circunvisão (HEIDEGGER, 2015b, p. 196).

Em seu caráter de “estar lançado”, o ser-aí encontra-se sempre numa disposição e, em vista disso, numa dada afinação de humor (tonalidade afetiva). Segundo Heidegger, “[...] na disposição, o ser-aí [*Dasein*] já se colocou sempre diante de si mesmo e já sempre se encontrou, não como

de manter uma coerência mínima nesta fase propositiva da pesquisa, optou-se por manter o uso proposto por Marcia Sá Cavalcante em sua tradução de *Ser e tempo*.

³Termos utilizados para traduzir o correspondente alemão *Stimmung*, amplo o suficiente para reunir o que comumente se designa por “disposição de humor”, “sentimento”, “emoção”, “afeto” etc. Sobre isso, vide De Oliveira (2006, p. 60-61). Em sua tradução de *Ser e tempo*, Marcia Sá Cavalcante opta pelo termo “humor” como o correspondente português para *Stimmung*. Em suas palavras (CAVALCANTE, 2015b, p. 573, N.T. 47), *Stimmung* “[...] designa o estado e a integração dos diversos modos de sentir-se, relacionar-se e de todos os sentimentos, emoções e afetos bem como as limitações e obstáculos que acompanham essa integração. A tradução por ‘humor’ empobrece essa riqueza conotativa. Não obstante, presta-se melhor do que ‘estado de alma’, ‘estado de ânimo’”. Nessa mesma nota, a autora enfatiza a conexão entre o étimo alemão *Stimme* e o termo português “voz”, razão pela qual a expressão “afinação do humor” parece captar bem a noção de uma estrutura de afinação e sintonização. Em sua tradução de *Os conceitos fundamentais da metafísica*, por outro lado, Casanova (2015a, p. 6, N.T. 2) opta por traduzir *Stimmung* como “tonalidade afetiva”. Segundo ele, o “[...] ser afinado (*Gestimmtwerden*) é alcançar uma tonalidade afetiva que não se encontra apenas em nossa interioridade, mas que descreve, sim, o modo de constituição da totalidade. Daí a necessidade de encontrar um termo mais neutro.” Na presente pesquisa, optou-se por utilizar a expressão “tonalidade afetiva”, guardando-se “humor” para referências específicas ao contexto de *Ser e tempo*, de modo a preservar a coerência de aplicação dos termos às suas respectivas ocorrências nas traduções de origem. A expressão “estado-de-ânimo”, presente na tradução de Fausto Castilho de *Ser e Tempo* (HEIDEGGER, 2012), será evitada.

percepção, mas como dispor-se numa afinação de humor” (HEIDEGGER, 2015b, p. 195). Deste modo, ser-no-mundo — existencial fundamental do ser-aí — é sempre um estar lançado numa abertura de mundo, sendo esta sempre realizada a partir de uma determinada afinação de humor. Numa perspectiva ôntica, é importante ressaltar que tal abertura se dá antes de qualquer “conhecimento teórico” ou “consciência”. Sobre isso, Heidegger diz: “[...] nunca nos tornamos senhores do humor sem humor, mas sempre a partir de um humor contrário” (HEIDEGGER, 2015b, p. 195). O ser-aí se abre para si mesmo “[...] antes de qualquer conhecimento e vontade para além de seus alcances de abertura” (HEIDEGGER, 2015b, p. 195, grifos do autor). Disso se segue, tal como observa Thiele (1997, p. 10), que: “[...] não podemos simplesmente nos livrar dos humores por meio de um esforço concentrado da vontade ou do intelecto”.

Além de não estar subordinado a um ato consciente, o estar-afinado (num determinado humor ou tonalidade afetiva) não pode ser reduzido a um ato psíquico. Ou seja, não pode ser reduzido a um certo “estado interior” de um suposto “sujeito”. O estar-afinado é, ele próprio, um modo básico de abertura de mundo, um existencial fundamental, pois é em si mesmo ser-no-mundo. Sobre este ponto, nosso filósofo tem novamente a acrescentar:

Nisto mostra-se o segundo caráter essencial da disposição: ela é um modo existencial básico da abertura igualmente originária de mundo, de co-presença [ser-aí-com] e existência, pois também este modo é em si mesmo ser-no-mundo. (HEIDEGGER, 2015b, p. 196).

Na terceira determinação essencial da disposição — designada pelo termo “circunvisão” —, o que já se abriu pelo ser-aí, em seu aí, “[...] deixa e faz com que o ente intramundano venha ao encontro. [...] Numa ocupação dotada de circunvisão, deixar fazer vir ao encontro tem o caráter de ser atingido, como agora se pode ver mais agudamente a partir da disposição” (HEIDEGGER, 2015b, p. 196). Essa “ocupação” (*Besorge*), aludindo à própria dinâmica existencial do ser-no-mundo, se dá sempre de uma abertura já afinada pela disposição.

Até aqui, é possível perceber que o ser-aí já sempre descerra o mundo a partir de uma disposição (dado que esta é parte constituinte da própria estrutura que compõe esse complexo indissociável ser-no-mundo), que se manifesta onticamente através de tonalidades afetivas. Segundo González (2009, p. 169): “[...] há uma relação constitutiva entre o homem e o mundo (expresso no encontrar-se [*Befindlichkeit*]) de humores, uma abertura cooriginária” (grifo nosso). Onticamente, em sua existência fática, o ser-aí já sempre descerra o mundo a partir de uma tonalidade afetiva. Esta, por sua vez, pode constituir-se como “fundamental” ou “cotidiana”. Casanova observa que, para Heidegger, há uma diferença estrutural entre as duas, assim:

Tonalidades afetivas fundamentais são tonalidades que promovem um tipo particular de descerramento. Diferentemente [das tonalidades afetivas cotidianas], elas não atenuam o peso de ser, o peso de ter de ser seus modos de ser, sem que nenhum desses modos de ser possam ser estabelecidos de maneira natural, na medida em que promovem uma absorção no mundo fático sedimentado. (CASANOVA, 2021, p. 31).

E depreende que:

[...] as tonalidades afetivas fundamentais caracterizam-se precisamente pela suspensão da absorção no mundo em meio ao esvaziamento radical de todos os sentidos pretensamente positivos disponíveis na cotidianidade, pela conseqüente transformação do mundo circundante enquanto totalidade de significados sedimentados em um mundo insignificante, pela confrontação do ser-aí com o mundo enquanto mundo, assim como pela recondução do ser-aí à sua nadaidade estrutural. (CASANOVA, 2021, p. 33).

Como dito em nossa introdução, a tonalidade afetiva que se procura delimitar nesta pesquisa é a do tédio (no âmbito da preleção acerca dos conceitos fundamentais da metafísica). Isso se dá inicialmente por quatro razões: 1) seu caráter mais próprio — na medida em que parece justamente possibilitar um descerramento de mundo mais profundo e, assim, mais próximo à condição essencial de indeterminação estrutural do ser-aí; 2) seu caráter propedêutico ao filosofar atual — isto é, ao filosofar na era da técnica moderna; 3) seu caráter de suporte na busca de uma compreensão mais ampliada da própria metafísica, no âmbito da filosofia heideggeriana e, finalmente, 4) seu caráter essencial na compreensão de manifestações ônticas típicas da sociedade contemporânea — a exemplo do próprio tédio, em suas versões superficial (simples) ou existencial (TOOHEY, 2011; SVENDSEN, 2006).

Em seu caminho de busca pelo despertar de uma tonalidade afetiva fundamental de nosso filosofar atual (fixada na preleção de 1929/30 como “tédio profundo”), Heidegger se depara com a evidência de que só é possível despertar algo que já se encontra justamente aí. Nesse sentido, observa Casanova (2021, p. 35): “[...] o tédio já se precisa fazer presente em todas as nossas possibilidades de ser em geral”. E, se assim o for, deve-se acolher que o tédio, enquanto um modo de ser ontológico-fático, manifesta-se nas mais variadas situações: tanto aquelas que Heidegger designaria como “impróprias” quanto aquelas que seriam designadas como “próprias”. Percorrendo tal caminho de pensamento, Heidegger acerca-se do fenômeno do tédio, inicialmente partindo de suas manifestações mais superficiais e, em seguida, dirigindo-se às suas formas mais originárias. Em vista disso, nosso filósofo se depara com os três modos constituintes desse fenômeno, no contexto da já mencionada

preleção: 1) o “ser entediado por”, o 2) “entediarse junto a” e 3) o “dar-se tédio a alguém” [tédio profundo] — tonalidade afetiva buscada⁴. No primeiro modo, o ser-aí se vê “retido no tempo hesitante” (HEIDEGGER, 2015a, p. 131), “deixado vazio pelas coisas que se recusam” (HEIDEGGER, 2015a, p. 134) e, em vista disso, experimenta aquilo que Heidegger chama de “serenidade vazia” (HEIDEGGER, 2015a, p. 135) — a qual se dá a partir da recusa dos entes intramundanos em fornecer sentido⁵.

Na segunda forma de tédio (entediarse junto a...), a *serenidade vazia* se dá justamente num movimento contrário, isto é, numa total absorção e entrega do ser-aí ao passatempo⁶, num movimento aparentemente bem sucedido de esquiva de si mesmo. Entretanto, como observa Goulart (2021, p. 185): “[...] sem uma situação específica que lhe promova o tédio, o que entendia (o) ser-aí nesta segunda forma é o próprio ser aí. Ele mesmo se toma como entediante, ‘chato’, desinteressante”. Num movimento característico do modo heideggeriano de desenvolver a questão, é justamente a existência desse tipo de passatempo um sinal dessa forma mais profunda de tédio.

Na terceira forma, o “dar-se tédio a alguém” [tédio profundo], não há entes intramundanos que entediam, ou quaisquer experiências de ser retido num tempo hesitante por algo “de fora” (ser entediado por algo); não há sequer o ser-aí que se entendia de si mesmo, empenhado no esquecimento de si através da imersão em passatempos agradáveis (entediarse junto a algo). Na verdade, nessa forma de tédio, não há nada específico que se possa fixar como o *quid* do tédio. Isto é, “[...] *nada* que se mostre entediante” (CASANOVA, 2021, p. 57, grifo do autor). No dar-se tédio a alguém, a recusa é a do ente em sua totalidade, acompanhada de um banimento do próprio horizonte temporal. De forma sintética, escreve Heidegger (2015):

[...] *o tédio é o banimento do horizonte temporal; este banimento faz com que seja eclipsado o instante pertinente à temporalidade, para impelir, em um tal eclipse, o ser-aí banido para o interior do instante como o elemento propriamente possibilitador de sua existência; e esta existência só é possível em meio ao ente na totalidade, que se recusa no horizonte do banimento justamente na totalidade.* (p. 201-202, grifo do autor).

É face a indicações como esta que nossa pesquisa tentará uma delimitação do fenômeno do tédio e de sua “essência”. Assim, pretendemos acompanhar o filósofo em seu caminho de

⁴ Borges-Duarte (2006) utiliza as denominações “a vulgar maçada”, “o aborrecer-me” e “o nojo”, respectivamente.

⁵ Para ilustrar essa forma de tédio, Heidegger nos convida a imaginar uma situação em que somos forçados a esperar por um trem que demora a chegar, numa estação modesta que fornece a mínima ou quase nenhuma possibilidade de passatempo.

⁶ Heidegger nos apresenta o exemplo de ser convidado a uma festa agradável e empolgante. Isto é, a uma situação que, na vida cotidiana, funciona como um perfeito passatempo do ser-aí para consigo mesmo, impedindo o olhar para si e a consequente constatação do peso de ter de ser.

pensamento, aprofundando e ampliando a compreensão de passagens estratégicas (como a citada acima), no intuito de obter uma concepção acurada da essência do fenômeno do tédio segundo a visada de Heidegger.

Mesmo por uma evidência empírica, vemos que, em nossa época atual, o tédio acaba sendo objeto de interesse ou, pelo menos, de preocupação. Isso talvez se deva ao fato de que, em nosso cotidiano, nos vemos sempre ante a ameaça dos achaques do tédio. Certamente isso não é por acaso, Heidegger, fazendo uma análise desse fenômeno, atesta mesmo que o tédio é marca de nossa época histórica, o que quer dizer que, na contemporaneidade, existimos sob sua égide. Uma tal afirmação, no âmbito do pensamento deste, não é despropositada; Heidegger pretende indicar que há tonalidades afetivas que são características de determinadas épocas históricas e, enquanto tal, determinam nossa maneira de nos encontrarmos-em. Ao indicar assim, Heidegger ensaia solução a um problema que detecta no projeto de sua ontologia fundamental. Tal como formulada, a ontologia fenomenológico-hermenêutica de Heidegger depende de um ente que compreende ser para só então recolocar a pergunta pelo seu sentido. O campo de sentido do ser é esse aberto no próprio ser-aí e, desse modo, o próprio ser-aí acaba sendo o esteio sobre o qual se apoia esta mega ontologia. O problema referido está no fato de a existência do ser-aí, por mais que marcada por um movimento *ek-stático* de vir-a-ser, não é capaz de sustentar o acontecimento do ser naquilo que ele se constitui num campo de historicidade. Quer dizer, por mais que possua uma “relação” com o ser (em seu próprio ser na existência) seria demasiado pretender que o ser-aí engendrasses em seu horizonte de compreensão a constituição ontológico-existencial um acontecimento de ser e, nesse âmbito, uma ontologia histórica do acontecimento de ser. Desse modo, reconhecendo a sobrecarga que uma tal requisição seria ao ser-aí, Heidegger resolverá dar uma guinada em seu pensamento ao campo do acontecimento apropriador. No entanto, antes que os contextos da *Ereignis* entrem em cena, Heidegger faz uma tentativa de, ainda conservando a tônica no ser-aí, acreditando que sua facticidade de ser-no-mundo e do dispor-se nesse mundo seria capaz de salvaguardar aquele projeto ontológico.

Dito isso, a presente proposta de pesquisa se mostra relevante e digna de ser elaborada, pois elucida um período da obra de Heidegger proporcionalmente pouco conhecido e escasso na literatura disponível até aqui, no qual ele permanece, por assim dizer, às apalpadelas, à busca de uma fundamentação ontológica ainda por meio dos expedientes da analítica existencial.

E não apenas isso, o projeto se justifica também em sua importância dado a jogar luz sobre um elemento que seria capaz de tornar pensáveis os fenômenos do mundo no qual existimos. Afinal, como já insinuamos, o tédio tem sido um fenômeno de interesse dos humanos há milênios, especialmente em sua versão “simples” ou “situacional”⁷. Todavia, há exceções dignas de nota.

⁷ O que, grosso modo, corresponderia ao “ser entediado por...” mencionado por Heidegger.

Embora reconheça que a versão “existencial” seja um fenômeno típico da modernidade (no sentido de ser mais uma das expressões desse tempo), Svendsen (2006) nos fala de menções relacionadas a esse tipo de fenômeno já na Bíblia, bem como em filósofos da Antiguidade como Sêneca — em cujos escritos aparecem expressões como *taedium vitae*, por exemplo (SÊNECA, 1979, p. 178)⁸. Toohey (2011, p. 143), por sua vez, nos conta a história de Tanonius Marcellinus, um suposto cônsul romano da cidade de Beneventum que chegou a ser homenageado com uma placa “[...] pelas boas ações de ter livrado a cidade de um tédio sem fim”!

O fato é que o tédio consiste num fenômeno de grande interesse para a sociedade contemporânea, ou seja, não se trata aqui apenas do desconforto que acompanha o “querer mas não ter nada para fazer”, mas também a sensação (geralmente posterior) de vazio de significado que acompanha as diversas atividades buscadas. Em vista disso, é possível constatar que o aprofundamento dessa temática é de grande interesse público.

Como mencionado anteriormente, este projeto de pesquisa opta por iniciar tal aprofundamento mediante a abordagem realizada por Martin Heidegger, através de uma primeira delimitação fenomenológica da perspectiva heideggeriana acerca da “essência” do tédio — tal como se apresenta em sua preleção de inverno de 1929/30, *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude e solidão*.

Mas por que, afinal, começar por Heidegger? Por que optar pela sua aproximação ao fenômeno do tédio, e não outra? Em relação à primeira questão, convém observar não apenas a originalidade de Heidegger no que concerne ao modo de retomada da antiga questão do ser (que inevitavelmente requer a analítica do próprio ser-aí que se coloca tal questão), mas também o que ele conseguiu erigir em vista disso: sua ontologia fundamental. A partir dessa forma extremamente básica (fundamental) e enraizada de visada das coisas, torna-se possível buscar uma compreensão dos mais variados fenômenos sem que para isso seja necessário recorrer a psicologismos ou psicologizações. Isso proporciona uma forma não apenas original, mas indispensável para de fato se compreender um fenômeno que, em nossa opinião, recusa ser reduzido a uma mera sensação ou desconforto psíquico — como é o caso do tédio. Afinal, também somos da opinião de que o tédio não pode ser tomado nem como um ente, nem como um objeto qualquer de nossa observação, nem como uma mera sensação/experiência: mas como um fenômeno de ser-no-mundo. Os últimos desdobramentos da era em que vivemos pede, ao nosso ver, uma compreensão sobre o tédio que ultrapasse o encapsulamento do fenômeno em um “sujeito”. É preciso uma compreensão mais

⁸ A expressão *Tedium vitae* pode ser compreendida como “cansaço da vida” (ou de viver). O “tédio da vida”, tal como aparece aqui, parece estar mais próximo a formas mais existenciais ou profundas de tédio. Inclusive, no trecho citado, Sêneca discorre justamente sobre a suposta repreensão feita por Epicuro a pessoas que buscam o suicídio em virtude do “cansaço de viver”.

profunda, que conecte homem, mundo e significado num todo indissociável. Fazer isso, argumentamos, não é um mero capricho intelectual: mas fazer jus ao próprio fenômeno que se apresenta. É necessário, portanto, fazer jus ao tédio. *Acreditamos, como expectativa de resultado dessa pesquisa, que Heidegger possa nos fornecer uma ajuda fundamental nesse processo.*

Algumas dessas evidências parecem satisfazer uma compreensão mais imediata do tédio, na qual se destaca o “querer mas não encontrar nada interessante para fazer”, ou “a sensação desconfortável de querer, mas ser incapaz de engajar-se em uma atividade satisfatória”. Outras, porém, parecem requerer compreensões mais profundas, isto é, capazes de identificar mais níveis (ou formas possíveis) de manifestação de tal fenômeno.

As pessoas parecem não apenas entediarem-se mais facilmente do que outrora. Nossa impressão é de que há algo mais aí. Vivemos numa era em que o preenchimento do tempo a qualquer custo parece ser uma urgência — seja com atividades ligadas à capacitação profissional, ao aumento de produtividade, às atividades físicas (voltadas, ainda que de forma disfarçada, sempre a alcançar o corpo “ideal” ou pelo menos “aceitável”), ou à pura e simples “atualização” das redes sociais. No âmbito do bem-estar ou do lazer, a lógica produtiva também parece estar sempre “aí”. A partir de uma visada fenomenológica, o uso corrente de tais expressões indicam algo que, embora ainda difuso, parece “estar sempre aí”. Teria isso alguma relação com formas mais profundas ou originárias de tédio?

3. CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

A pesquisa possui um caráter teórico e exploratório, tendo como métodos a interpretação bibliográfica e a aproximação fenomenológica da literatura filosófica de interesse. O estudo possui previsão para conclusão em seis meses (março de 2025 a agosto de 2025). De modo a atingir seu objetivo, estabelece-se os seguintes procedimentos, divididos em quatro etapas:

- **Primeira.** Primeiro levantamento bibliográfico e leitura exploratória dos textos da bibliografia primária. Na primeira etapa, será executada uma leitura aprofundada da bibliografia prioritária, com anotações sobre as partes de interesse para a pesquisa.
- **Segunda.** Seleção e leitura de textos secundários (comentadores e textos de suporte). Coleta de evidências de suporte, caso houver, para as impressões obtidas na leitura aprofundada dos textos primários.
- **Terceira.** Elaboração de possível palestra ou comunicação ou minicurso ou participação em disciplina do docente supervisor de acordo com sua disposição. Isso constaria como apresentação dos saldos parciais da pesquisa.
- **Quarta.** Redação de texto técnico-científico como informação dos resultados da pesquisa. A

dependem dos rumos da pesquisa, o texto estará em formato de artigo ou de capítulo de livro. Elaboração de relatório final.

Atividades	Mar.2025	Abr. 2025	Mai.2025	Jun.2025	Jul.2025	Ago.2025
Etapa 1 Levantamento bibliográfico primário/anotações.	X					
Etapa 2 Levantamento bibliográfico secundário/anotações.		X				
Etapas, 1-4 Encontros de supervisão.	X		X		X	
Etapa 3 Elaboração de aula com a apresentação dos termos de projeto de pesquisa. Estimativa de apresentar durante um curso do docente supervisor na data de 16/03/2025.	X					
Etapa 4 Elaboração de palestra a ser apresentada durante uma jornada sobre Heidegger no dia 16/04/2025.		X	X			
Etapa 4 Elaboração de artigo ou capítulo de livro.				X	X	
Etapa 4 Submissão de artigo/capítulo de livro para publicação /						X
final					X	X

Etapa 4 Participação do evento do Prof. Vieweg entre 11-12 junho					X	
Etapa 4 Redação de relatório						X

Como produtos dessa pesquisa de pós-doutorado, nos comprometemos em entregar:

- 1) Publicação de 1 artigo ou capítulo sobre as tonalidades afetivas fundamentais em Heidegger, em periódico científico com qualificação B1 ou superior;
- 2) Publicação de 1 artigo ou capítulo sobre a tonalidade afetiva do tédio, em periódico científico com qualificação B1 ou superior;
- 3) Apresentação de 1 trabalho em atividade de filosofia na USP sobre o tema da tonalidade afetiva do tédio;
- 4) Orientação de 1 trabalho acadêmico em pós-graduação sobre o tema do tédio.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES-DUARTE, Irene. O tédio como experiência ontológica. Aspectos da *daseinsanalyse* heideggeriana. In: M. J. Canista (Org.), *Subjetividade e racionalidade. Uma abordagem fenomenológico-hermenêutica*. Porto: Campos das Letras, 2006.

CASANOVA, Marco A. *Tédio e tempo: sobre uma tonalidade afetiva fundamental fática de nosso filosofar atual*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2021.

_____. *Mundo e historicidade: leituras fenomenológicas de Ser e tempo – Existência e mundanidade*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017. v. 1.

_____. No balanço do tédio: Heidegger e o tédio como tonalidade afetiva fática. *Rev. O que nos faz pensar*. Rio de Janeiro, v.29, n.47, p.79-107, jul.-dez. 2020.

_____. *Existência e transitoriedade: gênese, compreensão e terapias dos transtornos existenciais*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2021a

DA COSTA, Paulo Victor R.; DE FEIJOO, Ana Maria L. C. *Daseinsanálise e a tonalidade afetiva do tédio: diálogos entre psicologia e filosofia*. Revista da abordagem gestáltica, v. 26, n. 3, p. 317-328, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672020000300008. Acesso em: 14 out. 2022.

GOMES, Ágatha, A de M.; ALVES, Natália F. T.; TEIXEIRA, Selena M. de O. Tédio em jovens contemporâneos. *ECOS*, v. 9, n. 1, p. 64-74, 2019a. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2645>. Acesso em: 17 out. 2022.

_____. Vivência do tédio em jovens: uma análise sobre os modos de subjetivação contemporâneos. *Gerais* (Univ. Fed. Juiz Fora); v. 12, n. 2. p. 263-281, jul. 2019b. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1006226>. Acesso em: 17 out. 2022.

DE OLIVEIRA, Beatriz A. e S. *Tonalidade afetiva e compreensão de si segundo a analítica existencial de Martin Heidegger*. Orientador: Dario Alves Teixeira Filho Dissertação. 2006. 118 f. (Mestrado em Filosofia) – Centro de Ciências do Homem, UENF, Campos dos Goytacazes, 2006, versão eletrônica.

DOS SANTOS, Giovanni de O. *Befindlichkeit e Stimmung: os afetos na analítica existencial de Martin Heidegger*. *Diaphonia*, v. 5, n. 1, p. 2019, p. 130-137. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/diaphonia/article/view/22780/14344>. Acesso em: 4 out. 2022.

ELPIDOROU, A; FREEMAN, L. Affectivity in Heidegger I: moods and emotions in Being and time. *Philosophy Compass*, v. 10, p. 661-671, 2015. Disponível em: <https://compass.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/phc3.12236>. Acesso em: 14 out. 2022.

FOGEL, Gilvan. O relógio e as tripas. In: *Sobre homem e história*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019, p. 51-62.

GONZÁLEZ, Daniel L. *Uno se aburre: Heidegger y la filosofía del tedio*. *Bajo palabra: revista de filosofía*. v. 2, n. 4, p. 167-172, 2009. Disponível em: <https://revistas.uam.es/bajopalabra/article/view/3511>. Acesso em: 14 out. 2022.

GOULART, Samira M. S. Modos de vida no contemporâneo: sofrimento, compulsão e tédio. Rio

de Janeiro: IFEN, 2021.

HEIDEGGER, Martin. *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude e solidão*. Trad. Marco Antônio Casanova. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015a.

_____. *Ser e tempo*. Trad. Marcia Sá Cavalcanti. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2015b.

_____. *Ser e tempo*. Trad. Fausto Castilho. Petrópolis: Vozes, 2012.

MATTAR, Cristine Monteiro. Depressão, tédio e técnica moderna: contribuições da fenomenologia-hermenêutica. *ECOS: Estudos Contemporâneos da Subjetividade*. V. 10. N. 2. 2020.

OLAFSON, Frederick A. *Heidegger and the philosophy of mind*. Chelsea: BookCrafters, 1987.

SÊNECA. *Ad Lucilium epistulae morales*. Londres: Harvard University Press, 1979. v. 4.

SVENDSEN, Lars. *Filosofia do tédio*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

THIELE, Leslie P. *Postmodernity and the Routinization of Novelty: Heidegger on Boredom and Technology*. *Polity*, v. 29, n. 4, 489-517, 1997. Disponível em:
<https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.2307/3235265>. Acesso em: 14 out. 2022.

TOOHEY, Peter. *Boredom: A Lively History*. New Haven: Yale University Press, 2011.

WERLE, Amaro Aurélio. A angústia, a morte e o nada. In: *Trans-Form-Ação*. Marília, SP, v.26, n.1, p.97-103, 2003.

WERLE, Amaro Aurélio. *Arte e existência em Heidegger*. São Paulo: Discurso Editorial, 2023.